

«O DIA» DE FINADOS



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Paiz de «curiosos»

O que os jornaes escrevem é exacto. Somos por excellencia um paiz de curiosos. Poucas pessoas em Portugal estão no seu logar, e mais raras ainda parecem dignas do destino a que foram erguidas.

Há medicos por exemplo, a quem os governos mandaram estudar typographia e encadernações: engenheiros que outorgam premios nos certamens de pintura historica: negociantes que teem supremacia no jornalismo e nos festejos publicos—e jornalistas que são fiscaes da alfandega.

Os advogados por exemplo, curam de questões agricolas: é o caso do sr. Pinto Coelho. Um engenheiro tem nas suas mãos a directoria geral da agricultura: é o caso do sr. Elvino de Brito. E o empresario da opera lyrica era antigamente um lavrador.



O mesmo desencontro nas controversias parlamentares, aonde os padres é que tratam d'assumptos militares, e os militares d'assumptos ecclesiasticos: aonde o zelador do nosso dominio ultramarino é o sr. Luciano Cordeiro, um burocrata, e o zelador dos nossos costumes de terra, é o sr. Carlos Testa, um homem de mar. Vamos agora á alta roda. Ao penetrar-a, os homens de letras perdem a sua personalidade e tornam-se em *dandies*, enquanto os *dandies* absorvendo-a, se travestem de litteratos e de contistas.

Tenho perguntado a mim mesmo, se esta despolarição d'aptidões, assim inconscientemente annunciada, não será por acaso o symptoma *avant-coureur* d'uma degenerescencia gravissima, o signal patognomónico d'um fim de raça patusco, mediante o qual o homem, incapaz de desempenhar-se correcto e fortemente dentro da especialidade ou da profissão para que foi creado, sahio do *rail* das suas aptidões, dando-se ao cultivo de *habilidosidades* ephemerias, longe do campo profissional em que se lhe podiam exigir responsabilidades.



Mesmo a opinião publica parece haver sancionado este estado de coisas, levando todos os ramos do trabalho humano a uma desestima de que os amadores se aproveitam para vender caro as perinhas sorvadas do seu genio. Na litteratura e na arte é que o exemplo d'aquelle abatimento é mais flagrante. Ao contrario do que succede em outros centros cultos, o primeiro livro d'um escriptor é quasi sempre, em Portugal, o seu melhor trabalho, e assim o primeiro

quadro d'um paysagista, e a primeira opera d'um maestro. Longe das *coteries*, e sequestrado ainda aos interesses brutaes da vida, o artista como que dá n'aquelles especimens, a explosão da sua primavera esthetica, vivida e pura como o transcendente ideal de que deriva. Mas a publicidade que o aproxima dos conventiculos, de caminho o desalenta, porque o equipara de logo aos *nigauds* descerebrados que a engrenagem do empenho içou ás nuvens, e que a falta de gosto da massa fez installar n'um Olympo, onde com boas razões um talento de raça não póde tomar assento.

Este desalento, que deriva do orgulho ferido, e da impotencia d'um esforço no combate contra a estupidez da maior parte, este desalento não é peculiar a um ou outro espirito tímido e susceptivel. Tiveramno Herculano, Anthero, João de Deus, e está devorando actualmente Theophilo Braga e Guerra Junqueiro.

Ora, enquanto os homens desertam das suas vocações profissionaes, para o *arraglo* d'outras, aonde, mercê de causas complexas, a maior parte das vezes não pódem dar senão superficialissimas provas de merito, vê-se o amador enxamear por toda a facticia vida portugueza, tirando ás corporações a hierarchia, e dando aos mestres um ar de fantochada risivel, e de bugiaria extravagante.



Este instincto d'imitação que nos está no sangue, a revelar as inconsistencias do caracter individual, e uma falta de coordenação no aproveitamento das energias avulsas, a beneficio d'uma norma de conducta intrinseca e inflexivel: este instincto e por ventura syndroma d'um rebaixamento do nivel moral, e característico d'uma doença de vontade particular das raças que se desmancham, fazendo o homem regressar ás *hobages* grotescas do bugio.

Por toda a parte elle rebenta e colleia, na sua lugubre arlequinada, apagando nas classes a phisionomia historica e tradicional, e mascarando os individuos em papéis de theatro, para que elles não estavam destinados.

Contradição inexplicavel! Quanto mais a egualdade se faz na lei, e se espargue nas instituições a democracia, tanto mais os homens procuram exceder as condições do seu nivel, e sotopôr a modestia real da sua existencia a uma illusão de grandeza, e a uma aristocracia fingida de póрте, que é o mais grotesco característico dos costumes contemporaneos.

Nas ruas, por exemplo, o operario, envergonhando-se da blusa, procura imitar o patrão na maneira de vestir. Simples engommadeiras e mulheres de pequenos empregados, abandonam o percale dos vestidinhos baratos, e apparecem nas lojas enbonecadas como damas, entre prégas d'estofos que a industria jalsifica de côres que o sol devora, e de padrões que macaqueiam a estampagem preciosa dos velludos e das sedas. Nas pequenas residencias, a decoração imita

ainda, mais ou menos pelintramente, o estylo decoral das sumptuosas habitações, e a pompa da sala, absorvendo as economias do proprietario, deixa em miseria sordida, muitas vezes, o interior dos quartos onde as visitas não penetram.



E' a oleographia macaqueando o quadro a oleo; o cretone e a juta reproduzindo a pintura dos densos e caros tecidos dos moveis capitonados e dos reposteiros de luxo; o movel de casquinha, a preços baixos, approximando-se na *coupure*, da ebenesteria dos grandes seculos artisticos, e enfim o vaso de gesso galvanoplastisado, vergonha ultima d'esses interiores sem conforto nem vida de familia, que se dá n'uma banca de pé de gallo, o luxo d'um bronze exotico efflorentino. Aos jantares de cerimonia, muito embora o *menu* venha do restaurante da esquina, qualquer mediano burocrata já não pôde passar sem flores nos centros de mēza, cristaes alugados, linhos de bordaduras phantasiosas, e mulheres decotadas, entre casaca e casaca. A nossa velha cordealidade, tão expansiva e tão hõa, parece quasi banida des habitos, e tudo agora não passa d'uma questão d'etiqueta e *mise-en-scene*.

Simple *ménages* burguezes, compromettidos de finanças, que ainda ha dez annos jantavam ao meio dia, já hoje teem o seu *chá das cinco horas*, assignatura em S. Carlos, o nome inscripto nas aposias do Hyppodromo, e filhõs que imitam o Alfredo Anjos, e vão erguendo o *shake-hands* a uma altura, a que as pessoas pequenas não chegam. nem mesmo em bicos de pés.

E tudo isto é a imitação chõcha e idiota que apeia a familia portugueza das suas virtudes antigas e modestas, da sua sobriedade heroica, do seu respeito á tradiçãõ, e arvora os individuos em fantoches e automatos uns dos outros, os pequenos dos grandes, os fracos dos poderosos, os pobres dos ricos, e todos elles espatinando n'um atoleiro de banalidade que invadiu tudo, demoliu tudo, apodreceu tudo, apenas deixando á flôr da bagueira limosa, esse bisonho macaco que se chama o *curioso*, e que qualquer que seja a corda que elle vibre, a especialidade que elle cultive, a arte, a sciencia ou a politica que elle pareça ir fomentando, é um macaco sempre, e jamais pasará d'um *curioso*.

IRKAN.



A'S PORTUGUEZAS

Sõ por vossos encantos vós sois soberanas,
A gentis portuguezas, rainhas ufanas!
P'ra conservar da tez esse fino primor
Usae sabão do Congo, d'infindo louvor.

Saboaria Victor Vaissier, Paris. Roubalx.

A excommunhão

A Gustavo Bordallo Pinheiro



P'lo que nos dizes, Gustavo,
E já se espalha na Estranja
O patriarcha anda bravo,
E promete um desagravo
De pôr-te a pão e laranja!

Pobre de ti! Com que então,
Caes da graça do Divino,
É o patriarcha em questãõ
Vae lançar-te a excommunhão
Sobre a cabeça?... — ó menino!...

Crê tu — que eu juro por esta ..
E por sincero me tomem—
Que é desgraça a mais funesta,
E antes um coice na testa
Que a excommunhão do tal homem!

Teu pae, que é patrão da barca,
E, mais que tu, exp'riente,
Que te diga de que marca
São iras do patriarcha
Sobre a cabeça da gente...

Mas uma esp'rança lobrigo
Que em teu azul se desenha:
Tu já pensaste contigo
Sobre que cabeça, amigo,
A excommunhão se despenha?

Se bem que a coisa pareça
Coisa clara e sem refohos,
A excommunhão que appareça
Será na propria cabeça
Vulgo—*a torre dos piolhos?*...

Não será, como eu concedo
Que possa ser, amiguinho,
Excommunhão de brinquedo
Na cabeça... de algum dedo
Desde o pol'gar ao maminho?

E, reflectindo inda mais,
Que te pergunte é mister:
A excommunhão p'ra que vaes,
Não sendo em cabeças taes,
Não será n'outra qualquer?

Pensa bem! pensa bem n'isso!
Que, se assim fôr, eu prometto,
P'ra te livrar d'esse enguiço,
Pôr depressa ao teu serviço
Um delicado amuleto...

P'ra te livrar's, e depressa,
Da excommunhão que te escacha,
Basta, quando isso aconteça,
Que enfies n'um prompto a cabeça
No amuleto... (é de borracha...)

PAN-TARANTULA

A BRINCADEIRA DOS MENINOS



RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Apesar do pezo do rabo, o papagaio vae alto. Com vento d'Ajuda, ainda mais alto irá...

Theatros



Desde a mais remota antiguidade até hoje, que o facto de se abrir *São Carlos* e de ali se cantar uma opera, geralmente em 4 actos, é o bastante para se considerar inaugurado o *inverno*.

Tambem entre nós só se reconhece que ha sol e calor, e que o *verão* nos está em casa, quando, em dia de Corpo de Deus, a policia ostenta a sua formosa, engommada e empanturrada calça branca — conforme manda o regulamento...

Este anno, porém, a empresa de *São Carlos* quiz inaugurar com mais fausto o *inverno* de 1890-91. A empresa achou — e achou muito bem — que não era bastante abrir a sala ao publico e fazer lhe ouvir a *Gioconda*, para que o *inverno* estivesse oficialmente proclamado.

Era preciso mais e melhor. Houve muitos alvitres: Um fogo de vistas — uma *marcha aux flambeaux* — uma opera mimada, desde o principio até ao fim — etc

Por fim a empresa decidio: — «que todos os artistas da companhia se constipassem, e se conservassem constipados durante a primeira quinzena lyrica.»

Como vêm, a allusão ao travesso inverno não podia ser, nem mais graciosa, nem mais a character.

Annunciou-se para abertura a *Aida*: e quando Lisboa em pezo, sobrecarregada com o pezo do sr. Antonio Duarte (que é de Belem) se preparava para ouvir a *Aida*, — foi a *Gioconda* que se ouviu, porque todos os cantores estavam com bronchites. Em seguida, annunciou-se a *Gioconda* para 2.^a representação; e foi a *Aida* que se ouviu, porque os interpretes da *Gioconda* adoeceram todos. E assim successivamente: de modo que no elenco da companhia ha este anno mais bronchites ligeiras e agudas, do que operas novas e dançarinas bonitas.

Não se ouvem operas — ouvem-se pieiras e tosses em varios tons e varios actos. E o publico vive n'uma cruel hesitação, sem saber com que deva atirar aos pés dos artistas — se com flores, se com pastilhas Géraudel!



A abertura de *S. Carlos* além de ser o signal official para a inauguração de mais um inverno, é tambem excessivamente util sob o ponto de vista da palestra. E estou até convencido que o Estado subsidia a *nossa* (!) opera, mais por causa do cavaco indigena, do que pela Arte propriamente dita.

O nosso cavaco á esquina d'uma rua leva geralmente á destruição d'algum ou d'alguma cousa. Quando *S. Carlos* está fechado, de que se hade falar? — de politica e de politicos. . . D'ahi a quantidade de ministerios que regularmente caem em Portugal, no intervalo de duas epocas lyricas. . . Mas apenas abre *S. Carlos*, o publico desvia para ali toda a sua attenção, e emquanto dá cabo de *cantores*, não é muito natural que lhe sobeje o tempo para dar cabo de *ministros*.

No *verão*, quem paga as favas e quem desempenha o gracioso papel de bode expiatorio, recebendo as maldições de 4 milhões e 500 mil habitantes zangados quotidianamente, ainda ninguem sabe ao certo porque — são os conselheiros d'Estado, mais ou menos honorarios. No *inverno*, quem paga as favas e quem recolhe as furias d'uma população profusamente a manuse — são os tenores e outras damas ligeiras...

E assim vamos andando, e assim vamos vivendo, e assim vamos marando o tempo e o tedio, e assim vamos assustando a Europa: — aqui enterrando um *opera*, acolá enterrando um *gabinete*.



O ministerio pode estar descançado, negociar á vontade com a perfida Albion, processar á vontade os jornaes que achem que nem tudo vae ás mil maravilhas, asneiar á vontade desde o romper do sol até ao acordar das estrellas — que não vae tão cedo a terra!

Temos agora *São Carlos*! Qual será a primeira opera em crise? Qual será? . . . Qual será o primeiro tenor ao mar?? Qual será??

Houve desejos de enterrar a *Gioconda*. Sómente como na *Gioconda* debutou uma mulher que é bonita de profissão e caso pensado (segundo afirma a *reclame* que a precede) e reapareceu a Theodorini, que é digna das nossas sympathias, não se enterrou a *Gioconda*. Grande plateia! Generosa plateia!

Houve depois desejos de enterrar a *Aida*. Mas houve quem ponderasse que a *Aida* é d'estas operas espectaculosas e abundantes, que por conveniencia da bolsa se não deve dar cabo d'ellas. Mette muita gente, muitos fatos, muitas trombetas, e quando não seja bem cantada, serve em ultimo caso para distrahir e fartar uma familia em peso que nos chegue no comboyo da manhã, de Celorico, ou de Cannas de Senhorim.

Seguiu-se o *Rigolletto*. E toda a plateia exclamou: — «Ora vamos enterrar este *Rigolletosinho* da Costa Senior!»

Mas quando estava tudo preparado para se lhe applicar o tacão das execuções capitais, e espatifal-o como se espatifou o gabinete Serpa e em especial o sr. Hintze — eis que surge um rico attestado em papel sellado (meia folha 60 réis) no qual um nobre medico previne o publico de que ha bronchites em scena.





E aqui está como é que ao cabo da quinta recita de assignatura ainda se não enterrou uma opera, nem mesmo um cantor!

Pode o governo dormir o seu somninho descansado. Mas, ai d'elle! quando tivermos temporal em S. Carlos... Teremos logo outro, nas arcadas do Terreiro do Paço.

E' da praxe. Primeiro as operas, depois os ministerios. E isto pela simples razão que é da maior justiça que nem só o sr. João Chrysostomo se sirva durante uma epoca inteira do camarote ministerial.

Tambem lá queremos ver o sr. José Luciano, e o sr. Serpa Pimentel.



Uma ideia!...

Porque não hão de os ministerios passar na rotação do poder, como passam as operas na rotação dos cartazes?

Quando S. Carlos annunciasse a *Aida* — ministerio progressista em cima. Quando o *Propheta*, ministerio regenerador. Quando a *Gioconda*, ministerio epiceno, ou commum de dois... partidos.

E ouvir-se-hiam dialogos como este, á terrivel porta da terrivel *Havaneza*:

— Quem canta hoje?

— A Theodorini na *Gioconda*.

— Mas então quando sae esse Ennes do poder? Sempre a *Gioconda*! Já me parece massada!

E em vez de pateadas em S. Bento, como a que levou o sr. Hintze, bastariam as pateadas em S. Carlos, mandando recolher os artistas aos bastidores e mandando sahir os ministros do respectivo camarote.

Aqui deixo a ideia á disposição do Poder Moderador...

QUIDAM.

S. CARLOS

PRIMEIRAS RECITAS

GIOCONDA

AIDA

GIOCONDA



SUBSTITUIÇÃO DA
CORISTA GORDA PELA CORISTA VELHA.

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

ARCADES AMBO



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

- 1.º interlocutor: — «Então que me diz agora a teixinha das volhas? ...»
 2.º interlocutor: — «De primeiríssima ordem! ...»